

A NICARÁGUA VISTA PELA REVISTA VEJA. A INTERPRETAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE 1979

André Pinheiro de Souza

Valéria de Freitas Barros

RESUMO

Neste artigo analisamos como a *Revista Veja* tratou a questão da Revolução Nicaragüense de 1979 levando em consideração os períodos que antecederam esses acontecimentos citados acima, derrubando o governo de Anastácio Somoza Debayle, pondo fim a mais de quarenta anos de uma Ditadura familiar, iniciada ainda na década de 1930, e se mantendo no poder, através de uma política danosa a qualquer democracia, fazendo da Nicarágua uma “fazenda” de propriedade da família Somoza.

Palavras-chave: Nicarágua, Somoza, Revolução, Resistência Popular.

INTRODUÇÃO

Como se traduz uma Revolução? Com esse questionamento começamos este artigo buscando compreender através da análise das páginas da *Revista Veja*, os acontecimentos que marcaram a história da Nicarágua, no final da década de 1970. O semanário mais importante do Brasil na época, trazia em suas edições os grandes acontecimentos da semana, tanto em nosso país quanto no mundo, tratando temáticas diversas: política, economia, saúde, educação, arte, televisão, etc., enfim, um apanhado geral dos acontecimentos.

O que devemos perceber é como a *Revista Veja* foi trabalhando a questão da Ditadura nicaragüense, enviando correspondentes para trazer de forma imediata e real aos leitores brasileiros o desenrolar dos fatos na Nicarágua. A *Revista Veja* no início de seus trabalhos na Nicarágua, trouxe matérias de maneira gradativa e tímida, à medida que os acontecimentos foram se tornando mais interessantes, foi abrindo-se um espaço maior em suas páginas. O que nos mostra o grau de compromisso desses editores da revista nessa época, com seus leitores.

O período trabalhado neste artigo gira do final do ano de 1977, até a vitória revolucionária de Julho de 1979. As edições utilizadas na pesquisa foram: 19 de Outubro de 1977, 18 de Janeiro de 1978, 08 de Março de 1978, 06 de Setembro de 1978, 27 de Setembro de 1978, 25 de Abril de 1978, 20 de Junho de 1979, 25 de Julho de 1979.¹

A VISÃO DA REVISTA VEJA

Os meios de comunicação noticiaram a situação nicaragüense, pois a convulsão popular se transformou em notícias com a quebra do *estatus quo*. Ao analisarmos uma ditadura ou qualquer tipo de acontecimento, temos que atentar para o estilo do órgão de comunicação que está fazendo a cobertura jornalística do fato.

A partir do ano de 1977 à temática da Nicarágua passa a ser uma leitura obrigatória nas páginas da *Revista Veja*, pois ocorreu no país uma sucessão de acontecimentos que foram transformando o cotidiano nicaragüense e foi minando as sólidas bases da Ditadura Somoza ou o Somozismo como denomina os autores Jesús, Aquino, Oscar em seu artigo, *A Revolução Sandinista*², e nos mostra como a sustentação do somozismo se assentava em três bases que eram: “(...) 1. O apoio do imperialismo norte americano; 2. O controle da Guarda Nacional e da burocracia do estado; 3. A aliança com setores de alta burguesia nicaragüense (...)”. (pág.70)

Em 19 de Outubro de 1977 a *Veja* traz a seguinte manchete:

(...) Nicarágua - A guerrilha ataca: os cinquenta homens da 21ª companhia da Guarda Nacional acampam a 7 quilômetros da pequena cidade de San Carlos junto à fronteira com a Costa Rica, mal tiveram tempo para apanhar suas armas. A maior parte deles dormia quando as 4h30, da madrugada da última Sexta-feira, o quartel em que serviam foi atacado com fogo pesado de metralhadoras, morteiros, granadas e fuzis por um comando de 25 guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação (FSL), uma organização que declarou guerra à ditadura do General Anastasio Tachito Somoza (...). (pág. 44)

A edição de 18 de Janeiro de 1978 publicou o seguinte:

(...) Com dezoito tiros: E o próprio cemitério central estava abafado sob uma nuvem de gás lacrimogêneo na Quinta-feira passada, quando uma multidão de simpatizantes enterrou o corpo do jornalista Pedro Joaquim Chamorro, 53 anos, assassinado dois dias antes com 18 tiros de espingarda de cano serrado, quando se dirigia à sede do jornal La Prensa, do qual era proprietário (...). (pág. 36)

Como podemos observar através dessas duas manchetes da *Veja*, estava ocorrendo uma onda de descontentamento popular inédita na história recente da Nicarágua, e a *Revista Veja* estava sempre cobrindo esses acontecimentos em respeito a seus leitores no Brasil. O pensamento dos editores da *Revista* nesse período do assassinato de Chamorro, líder da UDEL (União Democrática de Libertação), coalizão de grupos de oposição ao governo, estava em sintonia com as ideias de intelectuais, que também escrevem sobre o acontecimento como é o caso do autor: Mário Salazar Valiente em seu artigo: Nicarágua: os últimos anos, no qual relata que: “(...) O bárbaro crime constitui um estopim da consciência popular em todas as classes sociais, a reação popular não se faz esperar, multidinárias manifestações percorrem as ruas de Manágua e outras cidades (...)”³.

É importante ressaltar que a *Revista Veja* desse período estudado é diferente dos exemplares modernos, pois naquele período, a mesma, não media esforços para trazer a tona acontecimentos na sua totalidade, veracidade, e principalmente com uma visão de imparcialidade. Diferentemente da *Veja* atual, que atende a grandes interesses econômicos privados que tentam manipular as informações em benefício próprio.

A *Veja* da atualidade faz parte da mídia brasileira constituída em sua maioria por empresas controladas por poderosos grupos, sendo seus interesses voltados para o mercado e conseqüentemente para a busca incessante do lucro. Esses interesses são defendidos, propagados e explorados nos meios de comunicação de massa, tem uma grande aceitação sendo considerados em determinados segmentos da população como “verdades absolutas”. Por conseguinte, nessas informações veiculadas, existem mensagens que defendem o interesse dessa classe dominante que tenta sempre levar vantagem em cima dessa população menos esclarecida, que em alguns casos acaba sendo facilmente persuadida e ludibriada.

Entretanto, o clima na Nicarágua nessa época a cada dia ia ficando mais parecido ao de uma “*guernica*” e diante disso surgem as primeiras insurreições populares, no sentido exato da palavra, ocorrendo primeiramente na cidade de Masaya, principalmente no bairro denominado de Monimbó. Os indígenas desse bairro resistem a uma semana de conflitos com a Guarda Nacional e por essa atitude esse bairro entra na história, como símbolo da luta popular e da rebeldia dos indígenas.

Diante desse acontecimento histórico a *Veja* de 08 de Março de 1978 traz a seguinte manchete:

(...) Nicarágua: aviões, bombas, blindados, índios em armas na cidade de Masaya, a 30 quilômetros da capital. Ali cerca de 4.000 dos 12.000 índios monimbós, que vivem num bairro da periferia da cidade e que há duas semanas viam-se vigiados por soldados da Guarda Nacional em consequência de tumultos ocorridos durante uma missa em memória de Chamorro, ergueram barricadas nas ruas e passaram a circular de facas, velhos revólveres e espingardas. O índio ‘CUCHILLO’, um dos principais líderes dos monimbós, resumiu assim a situação: ‘agora nós só vamos parar de lutar quando Somoza renunciar, e de preferência, deixar o país’(...). (p. 34).

Meses depois a 6 de Setembro de 1978 a *Veja* traz na página 36 a manchete: “Quase guerra civil”, a revista já mostra a população da Nicarágua, sua luta, seu desespero, abre destaque para a luta em Matagalpa sendo destaque os rebeldes mascarados e soldados da Guarda Nacional combatendo nas ruas, era a “guerra civil” ganhando espaço no cotidiano das ruas nicaragüenses. Com essas duas reportagens que foram veiculadas na *Veja* percebemos que o engajamento popular crescia a cada dia e o surpreendente é a participação cada vez maior de jovens os chamados “muchachos” que muitas vezes eram adolescentes de 13 ou 14 anos, ou mulheres, mal armados com uma pistola ou uma carabina. A *Revista Veja acrescenta* que esses “muchachos” eram recrutados depois de um ataque sandinista a um determinado bairro, uma determinada delegacia de polícia ou uma instalação da Guarda Nacional. Esses “muchachos” eram organizados em grupos e cada grupo tinha um chefe, um sandinista mais experiente que invariavelmente era chamado de Comando Zero.”

O importante a ser ressaltado é que esse povo tinha uma grande força interna, que mesmo com muitas adversidades e até mesmo medidas terroristas como: tortura, assassinatos, atos de barbárie que foram empregados a nível nacional organizadas pelo ditador Somoza, eles conseguiram vitórias em determinadas batalhas que pareciam impossíveis, o que favorecia a alto – estima desses “combatentes sandinistas”. Para saírem dessa situação de miséria, humilhação, imposta pela política dos Somozas, a população da Nicarágua foi buscar no passado, a bandeira libertadora, simbolizada por Augusto César Sandino. Era a lembrança de Sandino que alimentava a força dessa população nicaragüense, e que nutria aos ideais de liberdade da Nicarágua.

“*A todo ato de opressão leva à destruição do opressor*”. Essa frase de Sandino foi o mote para o povo nicaragüense se visse como produtor e sujeito. Era necessário impor a destruição do opressor, bem como havia a necessidade da população participar da luta, com toda sua força contra essa fase de opressão. O poder dos Somozas foi se solidificando na Nicarágua, através de alianças com a burguesia nacional e com os interesses imperialistas do norte americanos. Desde a morte de Somoza Garcia, o fundador da dinastia, os Somozas vinham se perpetuando no poder. Estes eram donos de quase toda a Nicarágua, dominavam tudo, desde a política, a economia da Nicarágua.

Diante desta situação adversa à democracia da Nicarágua, ressurgem alguns grupos contrários à ditadura, que organizados e armados passam a combater a Guarda Nacional, o braço armado de Somoza. A FLN se organizou e consegue agregar as classes populares, estas reuniam intelectuais, operários, estudantes, e camponeses. Foi esta força multiclassista que foi fundamental para o desenvolvimento da FSLN, que a partir de 1974, passa a enfrentar militarmente as forças do governo do Ditador Somoza.

Diante desse quadro a *Veja* de 27 de Setembro de 1978, traz a seguinte manchete: “(...) *Nicarágua. Ruínas, medo, sangue: cidades bombardeadas, civis fuzilados na rua e Somoza domina a rebelião sandinista (...)*”. (pág. 44). Nessa edição o correspondente da *Veja* nos relata que um a um, os sobrados de Esteli, ruíam, partindo do pressuposto de que, de seus telhados, as forças rebeldes em luta contra o ditador Somoza tinham melhor posição de tiro, a Guarda Nacional havia decidido bombardear indiscriminadamente todos os sobrados, não importando o destino de seus moradores.

Na mesma edição registra-se que na cidade de Leon os moradores do primeiro quarteirão ocupado foram colocados em fila, na rua. As mulheres e as crianças foram em seguida despachadas num caminhão para a cidade vizinha, enquanto isso seus maridos e filhos acima de 15 anos eram forçados a marchar em direção sul, até uma grande vala e ali, foram sumariamente executados.

Mas o desrespeito aos nicaragüenses continuava e chegou a ponto dos soldados da Guarda Nacional avançarem de casa em casa arrombando as portas com os pés ou com disparos de metralhadoras, em uma das casas na qual abrigava três famílias os homens e os jovens acima de 15 anos foram levados à rua obrigados a se ajoelharem, um a um foram executados com tiros na cabeça. A violência não poupava nem mesmo as mulheres, que em alguns casos foram assassinadas friamente.

Com toda essa fúria dos soldados da Guarda Nacional em relação à “população civil” é difícil ter certeza quantas pessoas foram assassinadas de verdade, pois os próprios soldados se encarregavam de dar fim aos corpos que na grande maioria foram incinerados ou apressadamente sepultados em quintais, jardins, ou em qualquer lugar onde houvesse terra.

A partir das edições de Abril de 1979, nas páginas 44, 46, começamos a sentir nos artigos, mais desenvoltura, quando se trata da conturbada situação nicaragüense, pois já revelam com maior riqueza de detalhes, por meio de fatos chocantes, os horrores dos combates entre sandinistas e a Guarda Nacional. Com isso o enviado da *Veja*, Waldir Dupont, passa a viver o cotidiano nicaragüense e passa a compartilhar juntamente com o povo da Nicarágua sentimentos como medo, ansiedade, temor. As ações da Frente Sandinista já são mais focalizadas pela revista e destaca a ação dos “muchachos”.

A *Veja* de 20 de Junho de 1979 tem na página 36 a seguinte manchete: “(...) Tiros, bombas, saques: A guerrilha chegou à capital da Nicarágua, combate-se a menos de 1 quilometro do esconderijo de Somoza, todo o país vive dias de guerra (...)”. Através desse título podemos perceber que a realidade da Nicarágua era outra, pois além da luta e das mortes há uma nova questão: a fome. E conseqüentemente aparecem os saques às mercearias e supermercados, fechados por força de uma greve geral decretada pelos sandinistas e por outros organismos de

oposição. Na mesma edição acima citada aparece à preocupação de não comparar os acontecimentos da Nicarágua com os ocorridos em Cuba em 1959, sendo mostradas as diferenças entre os dois países. Fica evidente na edição da *Veja*, a preocupação de anunciar que na Nicarágua não existe um Fidel Castro ou um Ché Guevara, mostrando que os sandinistas não são organizados e hierarquizados como o movimento ocorrido em 26 de Julho em Cuba. No artigo ainda aparece à divisão entre os sandinistas e que o próprio Fidel Castro não aconselha os líderes revolucionários à não romperem com os EUA.

Talvez seja este o pensamento corrente na época, revoltar-se pode romper com os EUA não. Mas o que chocou a imprensa em todo o mundo e foi destaque na *Veja*, edição de 27 de Junho de 1979, foi o assassinato do jornalista norte americano Bill Stewart, por um militar da Guarda Nacional, quando o repórter da cadeia americana de televisão, fazia uma reportagem nas ruas de Manágua. As cenas da maneira fria com que o jornalista é assassinado chocam o mundo. Na edição acima citada, a *Veja* intensifica sua posição contra a ditadura e ridiculariza a farsa montada pelo governo somozista, para punir o assassino do repórter. É também destaque nesta edição a formação do governo de reconstrução formado para lutar contra Somoza, e a intenção dos EUA, de enviar uma força de paz para Nicarágua. Em meio a tudo isso, as notícias do *dia-a-dia* da guerra civil prosseguem como destaque por meio de fotos de pessoas feridas, outras armadas fugindo dos conflitos em León e Manágua, sendo transmitidas por enviados especiais, à luta armada entre as forças de Somoza e os sandinistas.

Na edição da *Veja* de 25 de Julho de 1979, páginas 32, 35, 36, 37, têm a descrição da tomada do poder pela Revolução Popular na Nicarágua. “Acaba após dezoito meses de revolução a ditadura de Somoza”. Na mesma edição temos uma descrição dos acontecimentos ocorridos em Manágua, pelo fim da ditadura e conseqüentemente velhos mitos voltam e são retratados pela revista, como o de Augusto César Sandino e Pedro Joaquim Chamorro que foram mortos pelos Somozas, e como suas mortes tornaram-se ícones para a luta pela liberdade. Também aparecem retratados na matéria cenas da Nicarágua revolucionária, a multidão nas ruas comemorando o fim de Somoza, do terror, da repressão e de tudo que lembrava a ditadura, as ruas da Nicarágua se enchem de vermelho e preto, o povo venceu! A matéria termina fazendo alusão à vitória, apoiada pela população de simpatia sandinista e relata ainda que se estes quiserem conduzir a esquerda, talvez não encontrem quem possa impedir.

E diante dessa conjuntura formada na Nicarágua nesse período que podemos citar os autores *Marcos Antônio Piva e Mácia Cruz Piva na obra: Nicarágua um povo e sua história*⁴, na qual relatam que, diante desta análise é que se organiza a insurreição de Junho, conhecida como “ofensiva final”. Antes dela, porém, um fato marcaria definitivamente a maturidade do movimento revolucionário nicaraguense: a reunificação da Frente Sandinista, formalizada em Março de 1979. Desse encontro Sandinista, nasceu uma direção nacional conjunta, integrada por três representantes de cada tendência, e o plano da “ofensiva final”, que combinava diferentes formas como: greve geral, insurreição nos bairros e ataques contra instalações da Guarda Nacional. A garantia do êxito da insurreição estava amparada na confiança da população na vanguarda revolucionária, que tinha o movimento povo unido seu sustentáculo de massas.

CONCLUSÃO

Com todas essas idéias que foram expostas acima fica evidente que a *Revista Veja* do final da década de 1970 trabalhava de forma digna mostrando o verdadeiro jornalismo, baseado na imparcialidade e o principal, cobrindo os fatos que ocorriam no cotidiano da Nicarágua através de um bom correspondente, que em muitos casos arriscava sua própria vida.

Podemos destacar ainda que o pensamento dos editores da *Veja* nessa época era praticamente o mesmo pensamento de intelectuais que escreviam, ou que escreveram sobre o assunto. Infelizmente a *Revista veja* dos nossos dias não é a mesma daquele período que foi estudado neste trabalho, pois tenta a todo o momento manipular a opinião de seus leitores, na busca de atender aos interesses pessoais de seus colaboradores.

NOTAS

¹ Revistas *Veja* de 19 de Outubro de 1977, 18 de Janeiro de 1978, 8 de Março de 1978, 6 de Setembro de 1978, 27 de Setembro de 1978, 25 de Abril de 1978, 20 de Junho de 1979, 25 de Julho de 1979.

² AQUINO, JESÚS, OSCAR, A Revolução Sandinista. In. História das Sociedades Americanas. Rio de Janeiro, São Paulo. Record, 2004.

³ VALIENTE, Mário Salazar. Nicarágua. Os últimos anos México, DF, 13 de Janeiro de 1981, p. 273.

⁴ PIVA, Marco Antônio, PIVA, Márcia Cruz. Nicarágua. Um povo e sua história (1552 – 1984). São Paulo: Edições Paulinas. 1986.